

Memórias: entrevista com Irecê Barbosa

Alane Ferreira¹
Israel J. Rocha²

Biografia

Irecê Barbosa formou-se em pedagogia pela Universidade Federal do Pará, em 1974; graduou-se em Comunicação Social pela Universidade do Amazonas (hoje Universidade Federal do Amazonas), em 1982. É Mestra em Comunicação e Educação pela UFAM e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Lecionou e coordenou o curso de Comunicação Social e foi Pró-Reitora de Ensino e Graduação. Atualmente é professora da Universidade do Estado do Amazonas.

Irecê nasceu no Pará e somente aprendeu a ler quando tinha quatro anos, aos sete começou a frequentar a escola. Devido a um incêndio em sua casa que a deixou com queimaduras graves nos pés e nas mãos, ela experimentou em casa os primeiros passos com as sílabas. Graduou-se em pedagogia naquele mesmo Estado e, depois de casada, mudou-se para Manaus (AM), quando teve a oportunidade de ingressar no curso de comunicação da UFAM.

A revista Conexões esteve com a professora Irecê para ouvir suas histórias durante o período que participou como professora do curso de Relações Públicas na UFAM. Vamos conhecer um pouco mais de nossa história através do relato de Irecê Barbosa.

Por que você escolheu relações públicas?

Eu aprendi a ler nos gibis. Na minha infância, minha casa pegou fogo e eu tive uma queimadura horrorosa nas pernas e até hoje tenho uma marca, então eu não fui para aula.

¹ Especialista em Comunicação e Marketing Empresarial. Professora Substituta do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: alaneferreira@hotmail.com

² Mestre e doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Professor do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Amazonas.

Minhas irmãs iam para a aula e eu ficava sozinha numa cadeira de rodas e olhando os gibis. Até que caiu na minha mão uma cartilha do abc, em papel jornal. Eu perguntava para minha irmã mais velha "que letra é essa?" e ela me dizia "a - e - i- o - u". Nisso, eu aprendi a ler. Dali passei para os gibis. Li Tarzan, Guerra nas estrelas, Tio Patinhas, Zorro, Homem aranha.

Eu aprendi a ler com quatro anos e só com sete anos e meio fui para a escola, quando meu pé criou sola. Eu não sabia escrever e só tirava nota baixa.

Naquela época não tinha pedagoga, ou passava ou não passava, não tinha recuperação. E minha mãe começou a contar para as professoras sobre o incêndio e aí as professoras me davam o caderno de caligrafia. Até hoje tenho uma letra caligráfica. Eu não gostava e escrevia pela metade. Minha mãe percebeu que eu não era motivada e começou a fazer ditado para mim, dos gibis. Ela dizia: "um dia se você quiser escrever uma história, você vai ter que saber (escrever)".

Autora de 36 obras, Irecê também se dedica à literatura. É Vice-presidente da Academia de Letras do Brasil - sessão Amazonas.

Só que eu escrevia pela metade. A minha capacidade mental era muito mais veloz do que a motora e até hoje eu escrevo pela metade. Eu fiquei com uma espécie de dislexia, só que naquele tempo ninguém entendia disso e eu fui caminhando com essa dificuldade.

Sabe, quando eu escrevia engolia uma sílaba, às vezes metade das palavras. Pensava que tinha escrito, mentalmente eu tinha, mas motora não. Eu achava que se eu fizesse jornalismo eu teria que corrigir isso, achava que era (um problema) de fora, não de dentro. Primeiro eu fiz pedagogia, no Pará. Casei e vim para Manaus. Estudei jornalismo e quando acabei podia fazer "RP" para completar a habilitação. Então fiz Relações Públicas também. Só que eu não consertei a minha deficiência. Só descobri na UEA, como professora do curso normal superior. Eu fui orientar um trabalho de uma moça que tinha uma filha disléxica. Eu disse: "Eu não entendo nada disso", mas ela me convenceu. "Vou te orientar, mas vou ter que estudar junto". Passei a comprar livros sobre o assunto diagnóstico da criança disléxica. Eu li e listei, eu tenho isso, tenho isso, tenho isso... e isso foi uma lição para mim.

Aprendi que quando você abraça algo novo você cresce. E quando você fica bitolado só naquilo que você conhece e que é mais fácil você orientar, você fossiliza o conhecimento.

Eu fiz jornalismo primeiro porque eu queria aprender a escrever, eu achava que isso era uma deficiência da minha formação, não achava que era uma deficiência minha. Só que não aconteceu. Eu tive um problema também no jornalismo porque eu já era formada em pedagogia, então eu tinha uma linguagem técnica e eu não escrevia jornalisticamente. Eu tive que reaprender a escrever.

Como era o curso naquela época?

O curso de graduação em comunicação social, na época em que estudei, já era composto pelas duas habilitações, jornalismo e relações públicas. As turmas que se formavam eram pequenas e chamavam mais atenção do público feminino. Era assim, até o quinto período os alunos ficavam todos juntos e então tinham que fazer uma opção: jornalismo ou relações públicas. Até o quinto quem dava aula eram os professores de jornalismo e, por isso, direcionavam os alunos para essa escolha. Inclusive, naquela época nós vivíamos uma questão ideológica de que o relações públicas trabalhava para empresas, então trabalhava para o capitalismo. E o jornalismo não. Olha só que distorção cognitiva! Como se a empresa do jornal não fosse gerenciada por um capitalista.

Quem eram seus professores?

Fui aluna do Walmir Albuquerque, Rui Alencar, Miranda Leão, Erasmo, Flávio.

E como foi seu ingresso na UFAM como docente?

Eu trabalhava na SEDUC e fiz concurso para a UFAM. O salário era excelente! Minhas colegas achavam que eu não ia passar porque era muito concorrido. Quando eu entrei tinham duas vagas para o curso de relações públicas, mais ou menos 50 candidatos. Passou Eu e a Leidimar Brigatto, ela desistiu e assumiu o Edson Gil, da Oana Publicidade. Então os professores de relações públicas eram Eu, Edson Gil, Miranda Leão, Terezinha, da Orcal pesquisas e eventos, e os professores de jornalismo que davam aula no tronco comum.

Já como professora concursada as turmas de relações públicas eram muito pequenas. A Universidade pretendia fechar o curso devido à baixa procura. Foi então que

Me deram duas pagelas. Numa tinha um aluno matriculado, na outra eram dois alunos.

houve uma campanha por parte dos professores chamada *Café amigo* para o qual convidavam todos os alunos dos primeiros períodos e a eles explicavam o que é relações públicas, incentivando-os assim a optarem pelo curso.

Quando coordenadora, aproveitando-se da sua experiência como pedagoga, lerecê propôs a divisão das 40 vagas entre os dois cursos para inscrição no vestibular. Assim, ainda que cursasse até o quinto período em comum, o aluno já seguiria para a habilitação de Relações Públicas.

A partir de então o curso teve mais adesão pela opção no vestibular?

Houve um projeto que estimulava essa opção no vestibular. Acho que era da professora Socorro Pereira, *Universidade na escola*. A gente ia nas escolas e mostrava o que era o curso justamente para aquelas pessoas que estavam terminando - naquela época - o segundo grau.

O curso também era diurno?

Era só diurno. Naquela época a Universidade era vazia no período noturno, mas quando eu fui pró-reitora já havia cursos de pós-graduação lato sensu que ficavam mais centrados à noite.

Como foi o período na ASSIMP

Na gestão do então Reitor Nelson Frade, lerecê foi a terceira assessora de comunicação da Universidade, sendo a primeira formada em Relações Públicas e concursada. Os dois primeiros foram jornalistas, um deles contratado. Por dois anos ela dividiu seu tempo de trabalho entre a sala de aula, o atendimento à imprensa e pesquisas internas de Relações Públicas.

O departamento era chamado de Assessoria de Imprensa da Universidade do Amazonas (ASSIMP) que naquele momento sofria com profissionais desestimulados, resultado de um tratamento desigual entre professores e técnicos administrativos, com diferenças de salários e oportunidades de capacitação.

Acho que o curso me deu essa bagagem para eu conseguir entender o que estava acontecendo ali e resolver o problema.

Quais eram os veículos de comunicação da Universidade?

Nós só tínhamos o *Jornal universitário*, que era mensal. Então eu criei o *Em pauta*, um periódico semanal; tinha o *Polêmica universitária*, que falava sobre autonomia; o *Press Chefe* que ajudava os chefes a entender a dinâmica da administração e saía semanalmente, o cerimonial da UFAM. Fizemos o *press kit*, uma pasta com todos os projetos da Universidade e enviávamos para o mundo todo, todas as universidades. Fizemos em inglês, francês, espanhol e português. O reitor, professor Nelson, dizia “onde eu chego tem esse *press kit*”.

Depois nós já tínhamos tanto produto que o François Renê, Secretário de Comunicação do Ministro da Educação Paulo Renato, quando veio para os dez anos da ASSIMP - nós fizemos uma festa - ele descobriu que aqui no Amazonas, a nossa assessoria era a melhor dentre todas as faculdades federais. E ele fez esse comentário numa palestra que depois na EST-UEA (antiga Utam).

E deu certo! Foi um trabalho muito desafiador.

Qual foi o maior desafio para o departamento do curso de comunicação social?

Quando fui pró-reitora me deram uma lista de quase três mil alunos para jubilar e muitos eram de comunicação. Porque começaram cedo no mercado. Sem tempo de assistir aula abandonaram a faculdade.

Falei com o então reitor, professor Walmir, que logo no início da nossa gestão não era pedagógico ter tantos jubilados. Pedi um levantamento e passamos a aceitar de volta todos os alunos que tinham até 50% dos créditos integralizados. Mas com uma proposta,

íamos enxugar o currículo e eles teriam que se formar num prazo curtíssimo. Eles assinaram um termo e assim conseguimos formar mais da metade dos que seriam jubilados. Mesmo assim, muitos colegas do jornalismo não conseguiram.

O mercado de trabalho

Para Irecê, enquanto nos Estados Unidos Relações Públicas sempre foi uma profissão bem vista e admirada, aqui no Amazonas as empresas, naquele tempo, exigiam boa aparência, delimitação de faixa etária e características funcionais de secretariado e recepcionista.

Como os profissionais reverteram esse cenário?

O Conselho e a Associação de Profissionais de Relações Públicas eram muito atuantes. Nós fazíamos muitos eventos para chamar atenção para a profissão. Estávamos constantemente nos jornais com o intuito do profissional ser reconhecido e também demonstrar qualidade no curso, a estabilidade dos profissionais e a autoestima deles.

Como você enxerga o mercado de relações públicas?

O mercado tem mudado. Uma pesquisa do INEP mostra que hoje o número de titulados é maior entre mulheres do que entre homens. Porque o homem por vezes vai muito cedo para o mercado de trabalho e a mulher acaba sendo multifuncional porque, culturalmente, ela acaba sendo muito explorada nos lares (cuida do irmão, faz café, estende a roupa, etc., acaba fazendo mil coisas). Quando chega numa sociedade que o profissional multifuncional é valorizado a vaga fica mais para a mulher do que para o homem.

Hoje, até por causa do Pólo Industrial e também do crescimento econômico do Amazonas, o mercado é pró-ativo. O curso também vai se atualizando.

Naquela época nós tínhamos muitas empresas de comunicação que empregavam os estagiários (especialmente de jornalismo). Era um ciclo vicioso. Pagavam pouco e quando estavam para se formar demitia e chamavam outros. Sempre pagando pouco e tendo mão de obra barata. A

Eu sou do tempo da comunicação que nós só tínhamos máquina de escrever, mas tínhamos visão crítica maravilhosa. Hoje em dia, tem muita tecnologia e pouca leitura.

gente orientava muito para não irem cedo para o mercado. Meus alunos, a maioria são professores ou trabalham em redação.

Alguma lembrança das comemorações dos 25 anos?

Sim, eu era coordenadora do curso. Foi na época em que a Faculdade Nilton Lins abriu o curso de comunicação. Isso mexeu com o orgulho do nosso curso. Fizemos aquela placa comemorativa. Fizemos muitos cursos de extensão, seminários de pesquisa. Lembro que José Marques de Mello veio para esse seminário e apresentamos todas as pesquisas e fizemos um levantamento de todos os trabalhos de conclusão dos alunos. Ele disse que nós escondemos do Brasil todo as nossas produções. Nós vivíamos num isolamento por que produzíamos muito, mas ninguém conhecia nosso trabalho. A internet nos deu visibilidade.

Que mensagem a senhora gostaria de deixar para nossos alunos?

Fizeram opção por um excelente curso, que fora do Amazonas é muito valorizado. Já passamos por momentos ruins, agora nós estamos vivendo o momento áureo do curso, desde a entrada dos alunos com matrícula específica e também como o mercado de trabalho abraça esse profissional. É importante que cada um faça sua parte.

Um bom profissional não fica desempregado. Marketing pessoal é importante dentro do curso. Eu dizia para meus alunos que eles precisavam fazer a imagem profissional deles dentro da universidade porque é daqui que vai sair o chefe de vocês, o aluno que vai montar uma empresa, os professores veem aquele que se destaca mais e aponta para fazer um estágio, chamam para ser um monitor. E daqui a pouco tem concurso.

É importante saber que precisa ter uma conduta ética e cuidar da sua imagem desde cedo, não só no mercado! E ter bastante autoestima, usar salto alto, terno. O mundo gosta disso! E são eles (atuais alunos) que vão nos substituir no futuro.

